

UMA CERTEZA NA FRENTE E UMA HISTÓRIA NA MÃO: DA IMPLEMENTAÇÃO DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA AO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSICOTERAPIA

Data de aceite: 01/03/2023

Ana Carolina Arruda

Beatriz de Feitas Salles

Gabriela Koatz

Gunnar Glauco De Cunto Carelli Taets

Leila Brito Bergold

Marcus Vinícius Machado

Marly Chagas

Martha Negreiros

Thelma Sydenstricker Alvares

Vandré Matias Vidal

RESUMO: A trajetória da Musicoterapia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é parte importante da história sobre o desenvolvimento da Musicoterapia no Brasil. Também está imbricada com o desenvolvimento da Psiquiatria no país, pois se inicia formalmente no Instituto de Psiquiatria a partir da implementação da assistência em 1968, passando pela pesquisa e extensão até chegar à graduação em 2019. Neste capítulo essa trajetória é esmiuçada destacando

o papel interdisciplinar da musicoterapia ao desenvolver sua prática em diferentes locais da UFRJ junto a outros profissionais. Também se destaca o papel da Musicoterapia ao ampliar os recursos assistenciais e promover espaços integrados de ensino através de campos de estágio para cursos de graduação e pós-graduação, além de desenvolver projetos de extensão e projetos de pesquisa. Outro aspecto importante é a contribuição dos professores musicoterapeutas na criação da Rede de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) da UFRJ e na implementação de disciplinas eletivas sobre PICS na UFRJ Campus Macaé e na sede. Por fim, a criação do Curso de Graduação em Musicoterapia na UFRJ solidifica o tripé ensino, pesquisa e extensão e ratifica o papel inovador e democrático da Universidade Pública, além de contribuir para formação em PICS e a inserção destas práticas no Sistema Único de Saúde (SUS).

PALAVRAS-CHAVE: Terapias Complementares, Musicoterapia, Promoção da Saúde, Formação, Educação Superior.

ABSTRACT: The trajectory of Music Therapy in the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) is an important part of the history about the development of Music Therapy in Brazil. It is also overlapped with the development of Psychiatry in the country, since it was formally initiated in the Instituto de Psiquiatria that started from the assistance implementation in 1968, going through research and extension until it attained a Bachelor's degree in 2019. In this chapter, this program is scrutinized by highlighting the interdisciplinary role of Music Therapy in developing its practice in different settings of the UFRJ together with other professionals. The role of Music Therapy is also emphasized when assistance resources are amplified and integrated teaching spaces are promoted through internship for undergraduate and graduate programs, besides developing extension and research projects. Another important aspect is the contribution of music therapists professors in the creation of the Network of Integrative and Complementary Practices in Health (ICPH) of UFRJ and the implementation of elective disciplines about ICPH in the UFRJ Macaé Campus and main branch. Finally, the creation of the Bachelor's degree in Music Therapy in the UFRJ, consolidates the tripod: teaching, research and extension - and strengthens the innovative and democratic role of the Public University, besides contributing in the formation of ICPH and the insertion of these practices in the Health Unic System (HUS).

KEYWORDS: Complementary Therapies, Music Therapy, Health Promotion, Human Formation, Higher Education

Ao final deste capítulo o leitor deverá ser capaz de:

- 1) Conhecer as estratégias de incorporação da Musicoterapia na UFRJ e sua contribuição para a pesquisa, extensão e ensino de estudantes de graduação de Musicoterapia e outros cursos da Área da Saúde.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O convite para compor um capítulo que registre o percurso da Musicoterapia, enquanto Prática Integrativa Complementar em Saúde (PICS) no ensino de graduação na Universidade Federal no Rio de Janeiro (UFRJ) representa um desafio: registrar em poucas palavras mais de 50 anos de história. Uma trajetória que se confunde com a própria constituição deste campo do saber no Brasil, não só no que concerne à formação como também à constituição desta profissão enquanto categoria profissional, uma vez que o Instituto de Psiquiatria foi o lócus formal da primeira Associação de Musicoterapia criada no País, integrada por psiquiatras e educadores musicais entusiasmados com os efeitos terapêuticos da música na promoção da saúde.

Para que se possa compreender esse caminhar tomamos emprestado as considerações de Barcellos (2019) sobre a existência de uma linha comum para o desenvolvimento da Musicoterapia, cujo início se dá ante os desafios impostos pela prática clínica, seja ela desenvolvida com pacientes da Psiquiatria, da Educação Especial – um braço que advém da Educação Musical ou da Reabilitação. Nelas o musicoterapeuta, imbuído na busca por aprofundar conhecimentos e desejo pela delimitação de seu campo

de atuação é convocado a exercer múltiplos papéis, dentre eles o de Musicoterapeuta Político; Teórico; Docente; Coordenador de Curso; Supervisor e Pesquisador.

A Musicoterapia, enquanto ciência, estuda o universo das sonoridades em suas aplicabilidades terapêuticas sendo exercida, enquanto profissão reconhecida pelo código brasileiro de ocupações, por um musicoterapeuta qualificado que utiliza a música e/ou seus elementos, som, ritmo, melodia e harmonia para facilitar a comunicação e promover objetivos terapêuticos relevantes com o propósito de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais e espirituais (REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA, 1996). No Brasil a Musicoterapia é uma profissão cuja formação se dá por meio da Graduação ou Especialização *Latu-Sensu*, sendo uma das poucas práticas integrativas complementares em saúde que oferece a formação em cursos de graduação no país. Está presente em sete instituições de ensino superior, sendo três privadas (Conservatório Brasileiro de Música – CBM/RJ - 1972; Centro Universitário Faculdades Metropolitanas Unidas – UniFMU/SP – 2001; Faculdades EST/RS – 2002) e quatro públicas (Universidade Estadual do Paraná/ UNESPAR – 1983; Universidade Federal de Goiás/UFG – 1999; Universidade Federal de Minas Gerais/UFGM – 2009 e Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ – 2019).

A cronologia da criação destes cursos nos permite inferir que a Musicoterapia surge em movimentos que envolvem o Sul e Sudeste do País, primeiramente a partir do trabalho desenvolvido por mulheres pioneiras como Nise da Silveira, Liddy Mignone, Ruth Loureiro Parames, Doris Hoyer de Carvalho, Cecília Fernandez Conde, Gabrielle Souza e Silva (RJ), Di Pâncaro (RS), Clotilde Leinig (PR); Benedita Borges de Andrade (MG) que, a partir de sua formação primeira – Psiquiabras, musicistas e educadoras musicais - se envolvem em processos de promoção da saúde por meios diversos, seja na interface com a saúde mental, educação especial e/ou reabilitação.

2 | CONTRAPONTO E PONTES ENTRE MÚSICA, MEDICINA, INTÉRPRETES E ATORES

2.1 A Musicoterapia na Universidade Federal do Rio de Janeiro: Origem

A interlocução da Musicoterapia com a UFRJ está imbricada com o desenvolvimento da Psiquiatria no país e se inicia formalmente no Instituto de Psiquiatria com a assistência (1968), passando pela pesquisa (1982) e extensão (2000) para chegar à graduação (2019). A presença da Musicoterapia no tratamento de pacientes com transtorno mental encontra-se registrada na obra “Terapêutica Ocupacional Psiquiátrica”, publicada em 1962 pelo psiquiatra e professor do Instituto de Psiquiatria, Dr. Arruda (1962, p. 128):

“Musicoterapia ou meloterapia psiquiátrica é o tratamento dos doentes mentais por meio da música, fazendo o doente ouvi-la, tocá-la ou compô-la. É o uso da música com fins especificamente terapêuticos. Faz-se o doente ouvir certas músicas, participar de grupos corais e de danças. Tocar instrumentos e mesmo, compor músicas, procurando-se, assim, obter efeitos benéficos definidos de natureza fisiológica, psicológica e espiritual, além das finalidades recreativas educacionais e vocacionais.”

Esta obra, provavelmente a primeira a nominar a Musicoterapia no Brasil, corrobora a afirmação de Costa (2008) de que o Instituto de Psiquiatria da UFRJ sempre esteve à frente de seu tempo. Élcio Arruda (IPUB), Nise da Silveira e Fabio Sodré (STOR) são personagens centrais no desenvolvimento da Psiquiatria nas décadas de 40 e 50, e certamente induziram, por meio de suas experiências est tico-clínicas, a consolidação de outros campos do saber como o da Terapia Ocupacional, da Musicoterapia e da Coreterapia ou dan aterapia. Estas práticas, denominadas de Terapêuticas Ocupacionais, aconteciam no STOR (Setor de Terapêutica Ocupacional do Centro de Psiquiatria Nacional e no IPUB) e comprovam que a Musicoterapia sempre esteve presente como terapêutica ocupacional no tratamento dos pacientes psiquiátricos no Rio de Janeiro se inserindo formalmente na Universidade em 1968, com a criação da primeira Associação de Musicoterapia no Brasil, composta por Educadoras Musicais e Psiquiatras do Instituto de Psiquiatria.

A musicoterapeuta Clarice Moura Costa, que trabalhou no IPUB de 1980 a 2005, reconstitui este percurso em sua obra a “História da Musicoterapia no Rio de Janeiro – de 1955 a 2005 (COSTA, 2006), onde compila depoimentos detalhados dos principais atores que contribuíram para constituir o campo da musicoterapia no Rio de Janeiro e na UFRJ. Os principais cenários da Musicoterapia na UFRJ são o IPUB (1968) e a Maternidade-Escola (1988), inicialmente na assistência, seguidos pela pesquisa (IPUB 1980; Escola de Música 2010; Macaé 2018), extensão (IPUB 2000; Escola de Música 2010) e pela implementação da graduação, uma proposta Multiunidades viabilizada por meio de um consórcio composto pelos Instituto de Psiquiatria (IPUB), a Maternidade Escola (ME), o Departamento de Arte Corporal (DAC), o Departamento de Terapia Ocupacional (TO) e a Escola de Música (EM) em 2019.

Cabe ressaltar que se hoje a Musicoterapia encontra-se formalmente instituída nestes espaços, isto se deu pela sementeira realizada pelos estudantes da primeira graduação em Musicoterapia no País, criado no Conservatório Brasileiro de Música (1972) que, desde o início, acreditando que sementes plantadas geram flores, se habilitaram em campos de estágio, transformados posteriormente em frentes de trabalho.

2.2 Os atores e intérpretes: ontem e hoje

Inicialmente, em ordem cronológica, vamos apresentar quem foram os protagonistas das situações que colocaram a Musicoterapia no mapa da assistência na UFRJ, tanto os professores/gestores que contribuíram para que ela pudesse prosperar como os Musicoterapeutas que atuaram nesse cenário.

O suporte institucional do caminhar da Musicoterapia na UFRJ contou, desde o início, com os apoios de: Roberto Alexandre Quilelli Correa, psiquiatra e músico – foi o 1  presidente da Associação Brasileira de Musicoterapia, fundada no IPUB em 1968 (COSTA, 2006); Dr. Portella Nunes – Diretor do IPUB em 1974 (NARDI et al, 2020); professor Dr.

Jorge Adelino Rodrigues da Silva – atual diretor do IPUB, à época (1980) Diretor Clínico responsável pela contratação das primeiras Musicoterapeutas para o IPUB; Prof. Dra. Maria Tavares, que integrou o grupo de trabalho para a elaboração da criação do curso de Graduação em Musicoterapia (2019), diretora do IPUB (2010-2018), período em que requisitou a abertura de Concurso Público para o cargo de Musicoterapeuta Técnico-Administrativo e Dr. Jofre Amin, Diretor da Maternidade Escola.

A atuação destes gestores viabilizou a vinda de Katia Cairo para o IPUB em 1970, sucedida por Iveth Farah – que mesmo quando findo o vínculo contratual – prosseguiu dando continuidade ao trabalho na assistência, voluntariamente, até a chegada de Martha Negreiros e Clarice Moura Costa em 1980.

A contratação de ambas se deu a partir de uma proposta de pesquisa a ser realizada com pacientes esquizofrênicos, atendendo à exigência do CNPq de comprovação de vínculo institucional para concessão de bolsas. Com a chegada das duas o Instituto passa a contar com uma equipe de quatro musicoterapeutas contratadas: Elieth Nick, Mariângela Aleixo, Martha Negreiros e Clarice Moura Costa. Mudanças legislativas em meados de 1980 fizeram com que a equipe fosse incorporada ao corpo de técnicos administrativos da instituição, criando na estrutura da administração federal o cargo de técnico administrativo em Musicoterapia (TAE Musicoterapeuta).

Em 1988 a Mt. Martha Negreiros é transferida para a Maternidade-Escola em Laranjeiras, onde implementa o serviço de Musicoterapia na atenção à saúde materno-infantil. Em 2002 junta-se a ela no serviço de assistência o estagiário Albelino Carvalhaes, colaborando ao longo de 13 anos na realização de importantes pesquisas. Em 1996, Vandrê Vidal é contratado como extra-quadro e junta-se à equipe do Setor de Musicoterapia do Instituto de Psiquiatria, iniciando o trabalho que ficou conhecido como “Cancioneiros do IPUB”. Clarice desligou-se do Instituto em 2005 por motivos pessoais, mas o serviço de assistência continuou sendo realizado pelas Mts Elieth e Mariângela até a aposentadoria, sendo substituídas, via concurso público, pelas Mts Ana Carolina Arruda na Maternidade-Escola (2017) e Gabriela Koatz no IPUB (2018).

Em 2015, Beatriz Salles, professora vinculada ao Departamento de Música da Universidade de Brasília, é redistribuída para a UFRJ com a missão de concretizar a criação do curso de graduação em Musicoterapia, projeto acalentado desde o REUNE pelo Mt Dr. Marcus Machado, abraçado pela então Diretora do Instituto de Psiquiatria, Dra. Maria Tavares. A abertura do curso se concretiza em 2019, na gestão do Dr. Jorge Adelino. Atualmente o corpo docente do curso conta com 7 docentes da área específica, Beatriz Salles, Bianca Bruno Bárbara, Francisca Mariana Mayerhoffer, Marcus Vinícius de Almeida Machado, Marly Chagas, Raquel Siqueira e Thelma Alvares distribuídos em três das cinco unidades do consórcio (IPUB, ME e Escola de Música) (IPUB, ME e Escola de Música) O curso conta ainda com a colaboração de 2 docentes musicoterapeutas do campus de Macaé e de 5 Musicoterapeutas técnicos que compõem a assistência no Instituto de Psiquiatria, Maternidade Escola, Instituto de Neurologia Deolindo Couto, Hospital São Francisco de Assis, Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira e Escola de Música.

2.3 A Musicoterapia e seus cenários: onde e que tipos de serviços assistenciais eram oferecidos

2.3.1 A assistência no Instituto de Psiquiatria

Com a criação do Curso de Graduação de Musicoterapia no Conservatório Brasileiro de Música em 1972, o Instituto passa a receber estagiários de Musicoterapia, cuja supervisão, inicialmente, ficou a cargo de docentes do CBM, passando posteriormente às Mts Katia Cairo e Ivete Farah, recém graduadas contratadas, dando início ao serviço de assistência em Musicoterapia na instituição. Os atendimentos eram realizados na enfermaria, inicialmente para os pacientes internados. Em um segundo momento os atendimentos se ampliam aos pacientes do ambulatório que já tinham vínculo com a Musicoterapia depois de receberem alta da internação (NICK; ALEIXO, 1991).

Em 1982 implementa-se as atividades de pesquisa na assistência, viabilizadas por meio de bolsas do CNPq concedidas às MTs Martha Negreiros e Clarice Moura Costa para investigar a Musicoterapia em Pacientes Esquizofrênicos (1982-1984), aprofundadas em outra pesquisa, desta feita com o apoio da FINEP denominada “Valor Terapêutico das Técnicas Psicomusicais nas Esquizofrenias e suas Manifestações Ambiente Parentais. Com a criação do Hospital Dia em 1987, os atendimentos de musicoterapia se estendem do Teatro Qorpo Santo para o novo prédio do Hospital-Dia.

Ao longo dos anos até os dias atuais a assistência esteve presente no IPUB nos seguintes serviços: Centro de Atenção Diária (ou Hospital-Dia) – desde 1987, Centro de Atenção Psicossocial para infância e Juventude (CAPSi / CARIM) Centro Dia de Alzheimer (CDA) e Programa de Álcool e Drogas (PROJAD). Em Abril de 2020, em virtude da pandemia do COVID-19, a assistência aos pacientes com transtornos mentais (a adultos e idosos) precisou ser reinventada para a modalidade remota, com atendimentos virtuais síncronos, individuais e em grupo, realizados em uma plataforma digital própria da universidade, de modo a preservar o sigilo e o compromisso ético na relação terapeuta-paciente.

Atualmente a assistência conta com dois musicoterapeutas em exercício. Vandrê Matias Vidal, que há 25 anos promove grupos terapêuticos de expressão e improvisação livre e coordena um grupo estético-terapêutico de fundamental relevância para a abordagem de musicoterapia em saúde mental – a banda Cancioneiros do IPUB, projeto de extensão que pertence ao Grupo de Projetos Artísticos e de Referência Institucional da UFRJ - GARINS; Gabriela Koatz, que divide seu trabalho entre o Centro de Atenção Diária (CAD ou Hospital-Dia) e o Centro de Doenças de Alzheimer e outras Desordens Mentais na Velhice (CDA), onde desenvolve grupos de Musicoterapia para pacientes com demência usuários do Centro-Dia e um Coral Terapêutico para pacientes e cuidadores, tanto do Centro-Dia quanto do ambulatório do CDA; e Beatriz Salles, docente e coordenadora adjunta do recém-criado curso de graduação em Musicoterapia e supervisora do PROJAD, onde coordena um grupo expressivo e de musicoterapia com pacientes do Programa de Álcool e outras Drogas.

O trabalho desenvolvido no IPUB gerou várias publicações de referência para a Musicoterapia no Brasil, tais como o “Despertar para o outro”, 1989; o “Livro com CD: Songbook e Cd: Cancioneiros do IPUB” Vandrê Matias Vidal, 1998; “Musicoterapia e Psicose”, 2009 e a pesquisa sobre a “História da Musicoterapia no Rio de Janeiro – de 1955 a 2005”, de Clarice Moura Costa, 2006

2.3.2 Ampliando a assistência para a Maternidade Escola

Em 1988 Mt. Martha Negreiros é remanejada para a Maternidade Escola com a missão de implementar a Musicoterapia naquela unidade. A assistência, cujo trabalho era predominantemente médico-centrado e composto somente por médicos obstetras, pediatras e equipe de enfermagem, foi ampliado e passou a contar com uma equipe Multiprofissional composta por uma musicoterapeuta, uma assistente social, uma psicóloga e duas nutricionistas. Entre 1988 e 1999 várias são as contribuições da Musicoterapia no âmbito da Maternidade Escola.

Dentre elas citamos as ações desenvolvidas na sala de espera e no ambulatório Pré-Natal. Na sala-de-espera, gestantes e familiares eram convidados para um encontro aberto que acontecia uma vez por semana, com duração de 90 minutos em dois momentos: um inicial destinado à escuta dos participantes e compartilhamento de informações sobre questões fisiológicas e emocionais da gestação e um segundo destinado ao relaxamento com música pré-selecionada pela musicoterapeuta, com o objetivo de tornar consciente a respiração para o trabalho de parto.

No ambulatório pré-natal uma médica, uma assistente social, uma psicóloga e uma musicoterapeuta, conduziam uma ação educativa de planejamento familiar com as puérperas com objetivo musicoterapêutico de sensibilizar as mulheres para importância da voz e do olhar na constituição deste sujeito humano, recém-nato, favorecendo assim a instalação da função materna, uma vez que ninguém nasce mãe, pai ou humano. Isso se constrói na relação mãe-bebê-pai-rede familiar e social.

Para o acompanhamento das gestantes adolescentes menores de idade foram criados dois grupos. Um com jovens entre 12 a 16 anos e outro com jovens entre 17 e 18 anos. Com dois encontros por semana de 90 minutos as gestantes e seus acompanhantes eram convidados a participar do grupo, de forma não-obrigatória, mas só eram atendidas pela médica depois do encontro realizado.

O objetivo musicoterapêutico deste trabalho era o relaxamento com música pré-selecionada e a conscientização da respiração advinda deste relaxamento. Estas ações de cuidado à saúde da mulher, com caráter de ações educativas, privilegiavam a escuta e o acolhimento para além dos resultados obstétricos. Em 1999 Martha Negreiros é cedida ao Hospital Universitário da Bahia a convite do Chefe de Psiquiatria daquele hospital para implementar o trabalho de Musicoterapia. Após um ano ela é convocada de volta

para integrar a equipe multiprofissional do recém-criado complexo neonatal (Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal, Unidade de Cuidado Intermediário Canguru e Unidade de Cuidado Intermediário Convencional). De 2000 a 2014 foi desenvolvido um trabalho contínuo, clínico e de pesquisa com mães-pais-familiares- rede social dos bebês internados no Complexo Neonatal.

Desde então a Musicoterapia vem ampliando o escopo de suas atividades com intervenções na “Enfermaria de Finitude” com mulheres que sofreram perda gestacional, com algumas crianças no ambulatório de *Follow up* sob a coordenação da Neonatologia e na sala de espera do Ambulatório de Doença Trofoblástica Gestacional. Atualmente, a ME conta com a assistência de duas musicoterapeutas servidoras e quatro musicoterapeutas voluntários, cujo trabalho está voltado para as gestantes internadas pelos mais diferentes motivos.

O que se observa no processo de desenvolvimento da assistência na UFRJ é que a musicoterapia começou a ser aplicada em espaços de assistência coletivos, enfermarias e salas de espera. Em sua ampla maioria, os atendimentos são oferecidos em grupos terapêuticos, muitas vezes em coterapia com colegas de outras formações profissionais, sendo os casos específicos encaminhados para atendimentos individuais.

Independente da modalidade, seja no atendimento grupal quanto no individual, o Projeto Terapêutico Singular sempre é pensado e desenvolvido coletivamente com a equipe de referência de cada caso. No que concerne à fundamentação teórica e linhas de atuação cada terapeuta, a partir de sua expertise, conduz e fundamenta sua clínica de modo singular. Assim, alguns grupos podem ter dinâmicas livres ou diretivas e segundo Costa (1989), podem ter caráter estético-terapêutico com ensaios direcionados visando a melhoria das composições autorais e/ou sonoridade do grupo.

Ao lado do trabalho clínico, assim como no IPUB, também é desenvolvida na Maternidade a preceptoria e supervisão de estagiários do Curso de Especialização e Graduação do CBM, aulas para alunos da Residência multiprofissional e Curso de Especialização na Saúde da Mulher e da Criança. Essa inserção interdisciplinar da Musicoterapia é uma característica da profissão que procura trocar e contribuir com outros profissionais da área da Saúde, ampliando o conhecimento e qualificando a assistência nos locais em que é implantada.

2.4 Cantos, contracantos e ressonâncias: Diálogos na interface extensão-pesquisa–ensino

Partindo da premissa de que a Musicoterapia se constitui a partir da prática clínica, temos entre 1970 e 2000 a implementação dos serviços de assistência, primeiramente no Instituto de Psiquiatria seguido da Maternidade Escola, onde várias pesquisas de referência na área foram realizadas. No fim dos anos noventa constitui-se o primeiro projeto

de Extensão com a criação do grupo Cancioneiros do IPUB, seguido em 2010 pelo projeto Educação Musical na Diversidade, em continuidade até hoje e pelo evento bianual Festival de Arte, Cultura e Diversidade (2012-2018). A partir de 2019, com o início da Graduação, efetiva-se o que se compreende como lógica da produção universitária, preconizada pelo tripé ensino, pesquisa e extensão.

Para facilitar o entendimento desta seção, optamos por manter a linha do tempo em que estes processos se deram, entendendo que no caso da Musicoterapia, as reverberações produzidas pela assistência, geraram ressonâncias nas dimensões da pesquisa e da extensão, cujos efeitos contribuíram definitivamente para a constituição da terceira dimensão, a do ensino, concretizada com a criação da graduação em Musicoterapia.

2.4.1 Quando a Clínica convoca: Atuação na Pesquisa

A trajetória da pesquisa em Musicoterapia se inicia em 1982 no IPUB com a investigação “Musicoterapia para Pacientes Esquizofrênicos Internados por Períodos Breves” (bolsas de aperfeiçoamento do CNPQ) ampliadas posteriormente para a pesquisa “Valor terapêutico da Musicoterapia nas esquizofrenias e do Serviço social Psiquiátrico no tratamento das patologias comunicacionais familiares” (FINEP) conduzidas pelas musicoterapeutas Martha Negreiros e Clarice Moura Costa (MOURA COSTA et al, 1987).

A estas seguiram-se três pesquisas qualitativas realizadas entre 2010 e 2020 a partir do projeto de extensão Educação Musical na Diversidade, prática pedagógica transversal instituída com o intuito de unir extensão, ensino e pesquisa envolvendo alunos do ensino médio (PIBIC-EM), graduação (PIBIC) e pós-graduação (ALVARES; AMARANTE, 2016). As questões investigadas surgiram como desdobramento dos questionamentos a partir das atividades de música realizadas no Hospital Dia do Instituto de Psiquiatria.

A metodologia de pesquisa utilizada no trabalho foi o estudo de caso e a pesquisa-ação com as seguintes temáticas:

- 1) A partir do entendimento das peculiaridades da situação de vida de pessoas em sofrimento psíquico, quais seriam as particularidades de uma metodologia de ensino de música para esta população?
- 2) Como o processo criativo coletivo das aulas de música contribuem com o empoderamento e com o protagonismo do indivíduo em sofrimento psíquico?
- 3) Como a performance, realizada em espaços públicos, e elaborada a partir do processo criativo coletivo, contribuiu com o empoderamento e com o protagonismo do indivíduo em sofrimento psíquico?

O resultado das pesquisas realizadas nos permitiu concluir que as atividades de música foram caminhos significativos de empoderamento para este grupo, que o processo coletivo de criação permitiu a expressão e discussão de questões relevantes que dizem respeito aos estigmas que envolvem pessoas com diagnósticos psiquiátricos e que a

performance em espaços públicos contribui significativamente para a desconstrução de estigmas e construção de novas possibilidades de interação social. Em 2018 as possibilidades para a pesquisa em Musicoterapia se ampliam com criação do Grupo de Pesquisa de Música e Musicoterapia (GEPEMUSA), cadastrado e certificado pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), tendo como líderes do Grupo Gunnar Taets e Leila Bergold, musicoterapeutas professores do Curso de Enfermagem do Campus Macaé. Entendendo que o ensino, pesquisa e extensão formam um tripé obrigatório e indissociável para a produção universitária ao contemplar o papel solidário, social e cultural para com a sociedade (MOITA e ANDRADE, 2005), a pesquisa em nível de graduação se constitui em uma nova forma de aprendizado, focalizando o conhecimento através de metodologias que permitem conhecer um objeto de estudo.

O GEPEMUSA desenvolve, preferencialmente, pesquisas quantitativas, mas também adota o método misto com a utilização de conceitos das abordagens quali-quantitativas desde que o objeto de pesquisa o permita. Conta hoje com 15 pesquisadores entre docentes, discentes ou técnicos administrativos, do Campus UFRJ-Macaé e da Sede, com níveis de qualificação que vão da graduação ao doutorado, nas áreas de Musicoterapia, Enfermagem, Medicina, Física, Medicina e Farmácia distribuídos em 4 linhas de pesquisa: Música e Saúde, Música em Musicoterapia, Bases Moleculares, celulares, sistêmicas e ambientais do som/ondas sonoras e Efeitos Morfofisiológicos e Comportamentais de Intervenções sonoras para a Saúde.

Optamos por elencar aqui as pesquisas e os pesquisadores envolvidos a fim de proporcionar uma maior aproximação com os objetos de estudos e, quem sabe, estimular o interesse e a participação de novos atores:

- Encontro musical como estratégia de cuidado para a promoção da humanização em uma instituição de longa permanência para idosos.
- - A utilização da música em uma unidade pediátrica: contribuindo para a humanização hospitalar.

Pesquisadores: Leila Bergold, Alana Guimarães Gunnar Taets, Fátima Espírito Santo, Laryssa Portela, Rafael Nero e Karla Silva

- A importância do uso da música pela Enfermagem em Oncologia
- Efeitos Biológicos da Música em pacientes com câncer: Contribuições para uma prática baseada em evidências;
- Efeitos da atividade de canto coral: um estudo sobre estresse, ansiedade e depressão;
- Efeitos neurofisiológicos da música/som em pacientes portadores de demência e outras doenças neurodegenerativas;
- Efeitos do som em células não auditivas: uma revisão sistemática;

Pesquisadores: Gunnar Taets, Leila Bergold, Thiago Sanches, Marcia Capella, Luis Capella, Mariana dos Santos, Caroline Fernandes, Lucas Torres, Christian Carelli, Ramon Gutierrez, Ana Cunha, Iuri Melo e Isadora Carvalho.

- Acolhimento e humanização por meio da música em musicoterapia com pacientes em terapia intensiva;
- Acolhimento e humanização por meio da música em musicoterapia em uma instituição de longa permanência para idosos.
- Pesquisas realizadas no âmbito de uma experiência a partir da extensão universitária: Estudo descritivo-qualitativo que relata a experiência vivida por cinco estudantes do Curso de Graduação em Musicoterapia da UFRJ no Hospital São João Batista e no Lar de Idosos de Macaé em janeiro de 2020.

Pesquisadores: Gunnar Taets, Beatriz Salles, Marly Chagas, Renato Reis, Nicolle Rie, Marcos Barbosa, Gustavo Faria e Lucas da Cunha.

2.4.2 Ressignificando espaços, tempos e territórios: da assistência à extensão

Em seus primórdios o Cancioneiros do IPUB surge inicialmente como uma prática na assistência aos pacientes internados, proposto pelo Musicoterapeuta Vandrê Vidal a partir do projeto de pesquisa para monografia do curso de Especialização em Assistência ao Psicótico, cujo objetivo era registrar músicas autorais trazidas e cantadas por pacientes no pátio do IPUB.

Em 2000, torna-se o projeto de extensão “Cancioneiros do IPUB”, vinculado à Direção do Instituto de Psiquiatria, Musicoterapeuta Vandrê Vidal com a proposta de inclusão por meio da música no âmbito da assistência aos pacientes internados no hospital psiquiátrico.

Caminhando e Cantando e seguindo a canção: 25 anos de musicoterapia e assistência em Saúde Mental

Projeto pioneiro em Saúde Mental a proposta prioriza o trabalho de criação/ produção musical e se constitui como um dos exemplos dentre as possibilidades viabilizadas pelas novas abordagens terapêuticas de atenção aos transtornos mentais para além da instituição sob a égide do discurso antimanicomial (MAIA et al., 2002). Esse novo olhar se inspira não só nos moldes preconizados por Alienistas Franceses (BERCHERIE, 1989), como também nas ressonâncias produzidas pelas experiências inovadoras do Setor de Terapêutica Ocupacional do Hospital do Engenho de Dentro e no Hospital Psiquiátrico do IPUB que fogem à lógica manicomial, comum no Brasil naqueles tempos.

O Cancioneiros do IPUB é uma prática ou ação de assistência em musicoterapia que prioriza o trabalho de criação e produção musical em Saúde Mental. Criado em 1996 é um projeto pioneiro em Saúde Mental, exemplo de possibilidade dentro do discurso

antimanicomial que se insere nas novas abordagens terapêuticas para atenção aos transtornos mentais para além da instituição (MAIA. RC et al., 2002). Ambos, o projeto e a musicoterapia, estão intrinsecamente ligados ao Movimento Nacional da Luta Antimanicomial (MNLA) e às políticas públicas que criaram a Reforma Psiquiátrica.

“Uma trajetória do coração para o mundo através da música”

Os Cancioneiros do IPUB, surgiram em 1996 como grupo musical, criado na assistência aos pacientes do IPUB, como parte do projeto de pesquisa para monografia do curso de Especialização em Assistência ao Psicótico, cujo objetivo era registrar as músicas autorais trazidas nas seções de musicoterapia e cantadas por alguns pacientes no pátio do IPUB. Após 20 anos de existência o projeto foi objeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Atenção Psicossocial (UFRJ/IPUB) onde pode-se comprovar que o grupo musical formado com a proposta de ensaiar e divulgar as músicas ali produzidas trouxe uma mudança significativa na vida dos compositores, servindo de modelo para o surgimento de outros grupos, além de se tornar uma referência positiva das possibilidades do uso da musicoterapia na reabilitação psicossocial capazes de transgredir o território institucional.

Inicialmente concebido como uma estratégia de intervenção realizada em um grupo terapêutico na assistência, o Cancioneiros do IPUB já trazia em sua essência não só a concepção da dimensão extensionista, como também o que futuramente a Reforma Antimanicomial viria a preconizar: transpor os limites do preconceito, propiciando possibilidades de formação e aproximação entre universidade e sociedade. O Cancioneiros participou de inúmeros eventos com boa repercussão na sociedade, inclusive com interesse da mídia, dentre eles cabe citar o histórico evento “Cuidar Sim, Excluir Não”: a promulgação da Lei nº 10.216, em 7 de abril em 2001 que mudou a política de Saúde Mental, considerado o Dia da Mundial da Saúde pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (BRASIL, 2001).

O grupo trabalha prioritariamente a partir de um repertório próprio, embora em alguns momentos se utilize de repertório conhecido do grande público para melhorar a sintonia e animar a plateia. Outro aspecto importante é a formação centrada no grupo, evitando sobrecarregar cada artista individualmente. A questão terapêutica sempre esteve em primeiro plano e a estética como resultado.

O IPUB/UFRJ foi berço e exemplo desta “nova política” e foi este campo de estudo que permitiu a expressividade de uma nova abordagem no cuidar de pacientes-músicos. Ao se “escutar música nas falas dos pacientes”, como definiu o professor João Ferreira, Diretor do Instituto de Psiquiatria (1994 - 2002), “quebramos o paradigma institucional de ver só o doente/doença, sem se preocupar com o sujeito, objetivo do cuidado” (VIDAL et al., 1998, pág.9).

Hoje, o projeto Cancioneiros do IPUB é um Grupo Artístico de Representação Institucional (GARINS) da UFRJ, laureado com o Prêmio PROARTE, concedido pelo Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, que recebe, além de pacientes compositores/ músicos, alunos de várias áreas da Universidade, extensionistas, bolsistas e colaboradores.

Caminhando e cantando para além da canção: a aproximação com outras unidades acadêmicas

A partir de 2010 o projeto de extensão Educação Musical – prática pedagógica coordenados pela musicoterapeuta e docente da Escola de Música Profa. Dra. Thelma Álvares se estabelece a primeira articulação efetiva entre a musicoterapia e um curso de graduação dentro da UFRJ: o curso de licenciatura em música. Esta articulação oferece aos licenciandos uma experiência de educação musical diversa e desafiadora.

Aos pacientes internados ela permite uma oportunidade de interlocução extramuros, o aprendizado da linguagem musical e da prática instrumental viabilizando a ambos uma quebra de paradigmas sobre limites e possibilidades, uma vez que, historicamente, os loucos sempre foram excluídos em espaços de degradação humana: os manicômios. Mesmo com as conquistas da Reforma Psiquiátrica e dos movimentos sociais, as pessoas em sofrimento psíquico, assim como outros grupos que representam a diversidade humana, sempre encontraram e ainda encontram muitas barreiras em seu processo de inserção social (AMARANTE, 2007).

A Educação e a Cultura deveriam ser espaços para formação de pessoas aptas a conviver com a diversidade humana contribuindo com a construção da cidadania de qualquer indivíduo. No entanto, observamos uma ‘inclusão excludente’ que muitas vezes ocorre de forma velada e perversa. Por isso a articulação com a extensão tem uma importância fundamental ao contribuir com a formação discente, com serviços à comunidade e com o desenvolvimento da pesquisa com olhares ampliados.

Projeto de Extensão Educação Musical na Diversidade: prática pedagógica vinculada a uma disciplina obrigatória da grade curricular dos alunos da Licenciatura em Música da Escola de Música da UFRJ, o projeto desenvolvido no Instituto de Psiquiatria – IPUB está aberto para receber alunos da pós-graduação, alunos de graduação de outros cursos e alunos do ensino médio através das bolsas PIBIC-EM. De modo geral, a formação em Educação Musical traz ainda uma forte influência do modelo conservatorial com ênfase no repertório europeu dos séculos XVIII e XIX. Nesta proposta pretende-se permitir a experiência da prática e formação em outros contextos.

O trabalho é precedido de entrevistas com os usuários a fim de se conhecer a experiência musical de cada um. A maioria relatou dificuldades em estudar música em escolas especializadas: “O professor não me entendia e desisti” ou “Eu não conseguia me adaptar e sai”. Percebemos que o estudo autodidata, a participação em bandas e corais de igreja ou a participação em projetos que envolvessem música, na área de Saúde, eram as únicas opções para o desenvolvimento de suas habilidades musicais.

Por meio do projeto, em curso há mais de 10 anos, constatamos os seguintes benefícios: Proporcionar um espaço para aulas de música para pessoas em tratamento psiquiátrico;

1. Contribuir para o empoderamento e protagonismo de pessoas em sofrimento psíquico através da expressão musical;
2. Contribuir para a desconstrução de preconceitos relativos à loucura e para a construção de um novo entendimento sobre a pessoa em sofrimento psíquico;
3. Sensibilizar os alunos sobre questões relativas ao sofrimento psíquico;
4. Contribuir com o aprimoramento da formação discente possibilitando a futuros professores um melhor preparo profissional para lidar com a diversidade humana;
5. Contribuir com a democratização da Educação;
6. Promover a inclusão social;
7. Promover um diálogo entre a área de Educação e Saúde;
8. Criar um espaço que fomenta o desenvolvimento de pesquisa; e,
9. Estimular a expressão artística/cultural da diversidade.

Projeto de Extensão Festival de Arte e Cultura da Diversidade - 2012 a 2018

Realizado duas vezes por ano o Festival, uma parceria entre Escola de Música,

Instituto de Psiquiatria, Fórum de Ciência e Cultura e Prefeitura do Rio de Janeiro, teve como objetivo principal criar um espaço de convivência da diversidade humana, entendendo que o processo de exclusão e desvalorização social faz parte da realidade vivida por indivíduos que são estigmatizados, seja por questões raciais, étnicas, sexuais, religiosas, culturais por estarem em situação extrema de pobreza, por serem sujeitos em sofrimento psíquico, com algum tipo de deficiência, ou pela combinação destes fatores. Neste evento os grupos em vulnerabilidade puderam expressar suas ideias, anseios, identidades, e mostrar sua Arte junto com outros artistas. Rodas de conversa, apresentações artísticas, exposições, mostras de vídeos e oficinas foram meios de apresentar, valorizar e respeitar as diferenças humanas, que ocorreram em espaços fechados, assim como em praças e parques da cidade atingindo um público bastante eclético. Benefícios alcançados:

1. Quebrar o isolamento social de grupos estigmatizados;
2. Estimular a interação desses grupos com outros artistas, com a comunidade universitária e com um público bastante variado;
3. Contribuir para a reflexão e possível reconstrução de conceitos referentes à diversidade humana;
4. Reforçar o papel da Universidade pública como um espaço propício para a construção de conhecimento crítico e transformação social;

Reverberações síncronas e assíncronas: A oficina de musicoterapia no Centro de Convivência do Programa de Álcool e Drogas – PROJAD e a Agenda Conviver

O projeto de extensão Conexão RD – Redução de Danos Rede e Território: Conexões do Centro de Convivência PROJAD na interface arte/saúde cultura, um braço formativo da graduação, que juntamente com a especialização em álcool e drogas do PROJAD dá sustentação às atividades desenvolvidas neste Centro de Convivência. Vinculado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da UFRJ, este projeto de extensão universitária atua com o objetivo de intervir junto às pessoas que apresentam problemas relacionados ao consumo de drogas, usuárias da Rede de Atenção Psicossocial. Por meio de atividades desenvolvidas na interface arte/saúde/cultura busca-se ampliar e multiplicar os diálogos entre a Redução de Danos – uma estratégia em saúde pública no campo do cuidado a usuários de álcool e outras drogas – e as relações, hábitos e fazeres dos participantes, uma vez que a experiência estética nos campos da arte e da cultura, utilizada como insumo em Redução de Danos, possibilita o estabelecimento de novos laços sociais. (MACHADO, 2017).

O Conexão RD estrutura suas intervenções de forma presencial a partir do Centro de Convivência do PROJAD (Programa de Estudos e Assistência ao Uso indevido de Drogas), localizado no complexo hospitalar do Instituto de Psiquiatria – IPUB, Campus da Praia Vermelha/UFRJ, no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro, onde são realizadas diversas oficinas e atividades culturais.

O Centro de Convivência do PROJAD, inaugurado em 2006 no âmbito de uma parceria institucional entre o Ministério da Saúde (MS) e o IPUB, é o *lócus* formal onde são realizadas, presencialmente, dezenove atividades coletivas semanais que compõem o cotidiano dos conviventes atendidos pelo programa. Dentre elas a oficina de musicoterapia, grupo de expressão e improvisação livre que oportuniza aos usuários/pacientes por meio da música cantada e/ou tocada, a possibilidade de abordar as questões que surgem a partir da memória das experiências evocadas pelo conteúdo das canções por eles escolhidas.

Agenda Conviver e Hiperconvivência: Como as sonoridades afetam seu cotidiano?

Com a pandemia e a suspensão das atividades dos centros de convivência do Rio de Janeiro, o Fórum dos CECOs propôs a criação de um Centro de Convivência Virtual onde uma agenda de atividades semanais na modalidade on-line semanal foi disponibilizada aos usuários no link: www.centrodeconvivencialvirtual.com.br/agendaconviver.

A proposta desta oficina de musicoterapia foi construir estratégias de sensibilização, mapeamento e recriação da paisagem sonora cotidiana como forma de mitigar o estresse causado pelo confinamento em tempos de isolamento social.

O que podemos perceber neste caminhar da extensão é que ao canto das experiências realizadas no âmbito do Instituto de Psiquiatria com o Projeto Cancioneiros do IPUB criado em 2000 se agregam os contracantos propostos pelos projetos de extensão

trazidos pela Escola de Música em 2010 e pela Terapia Ocupacional e pelo Fórum dos Centros de Convivências do Estado do Rio de Janeiro em 2016 dando continuidade à canção, ampliando as ressonâncias da assistência e da pesquisa que foram estabelecidas e sustentadas ao longo de seis décadas pelos musicoterapeutas Kátia Cairo, Iveth Farah, Martha Negreiros, Clarice Moura Costa, Elieth Nick, Mariângela Aleixo e o Musicoterapeuta Vandrê Vidal.

A musicoterapia lhes é grata pelo não esmorecer do refrão “*vem vamos embora que esperar não é saber*”. Por terem compreendido a importância de exercerem com maestria seus diferentes papéis – o de político institucional, o de profissional com formação, o de docente, de teórico, de supervisor, de pesquisador – e, principalmente, o seu papel ético nesta missão pela sustentação e ampliação do espectro de atuação da musicoterapia em uma instituição pública de ensino a criação do curso de graduação.

2.4.3 Quem sabe faz a hora, não espera acontecer! O que muda no cenário com a criação da Graduação?

O Brasil, por ainda possuir uma política pública de desenvolvimento pouco equânime para diversas áreas e saberes, coloca sobre a universidade pública um papel fundamental no desenvolvimento de campos minoritários. Diversas profissões e campos de investigação, em nosso país, para solidificar e difundir seu conhecimento, dependem diretamente da existência (ou não) destas profissões em universidades. Alguns exemplos são significativos para o entendimento desta questão. Campos do conhecimento como a filosofia, a sociologia e antropologia, bem como a música, artes visuais, a dança e o teatro têm, quase que em sua maioria, formação em universidades públicas. Não fosse isso, essas áreas praticamente não existiriam, o que resta comprovado ao observarmos a extinção contínua e acentuada destes cursos nas universidades privadas ao longo das duas últimas décadas.

Para compreender o que vai acima exposto basta observarmos a trajetória da profissão terapia ocupacional no Rio de Janeiro. Até os anos de 2009, o Brasil contava com uma pequena quantidade de graduações no país, sendo seis delas em instituições públicas e dez em instituições privadas. Os estados que possuíam o curso de TO em universidades públicas como São Paulo e Minas Gerais tiveram um avanço significativo em seu espectro de atuação. O caso do Rio de Janeiro ilustra bem o que afirmamos, pois apesar da profissão de TO ter se iniciado aqui, o estado demorou muito tempo até conseguir abrir suas primeiras graduações públicas.

Só em 2009, com o advento do REUNI – programa de expansão universitária – e a abertura de mais de dez cursos públicos em diversos estados, o panorama da TO no país se modifica consideravelmente, bem como o reconhecimento deste campo do saber, o que corrobora nossa afirmação que a universidade pública tem então um papel ético que se relaciona com a expansão e o desenvolvimento de campos de saber minoritários. E é nesta

perspectiva, que diversos atores lutaram ao longo de mais de dez anos para abertura do curso de musicoterapia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, conscientes do papel fundamental da mesma na mudança do panorama da profissão de musicoterapia no Rio de Janeiro e no Brasil. Com relação a esta afirmação, nos permitimos ir ainda mais além. Se quisermos que as Práticas Integrativas Complementares possam se desenvolver de forma mais significativa, faz-se mister a ampliação da oferta desta graduação em universidades públicas no país.

A criação do curso de graduação em musicoterapia – Noturno na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 47 anos depois da primeira graduação em musicoterapia no Conservatório de Brasileiro de Música. Os reflexos deste percurso histórico, se inicia na década de 1960 no IPUB por meio de experimentações diversas, de uma postura ética e de uma dimensão da existência pela sensibilidade, trazida por Pinel, Nise e tantos outros. Estas consonâncias, dissonâncias, reverberações e ressonâncias permitiram a compreensão que a formação do musicoterapeuta precisaria alcançar, para além da dimensão da assistência, extensão e pesquisa, a dimensão do ensino com uma proposta crítica, transversal e multidisciplinar, que contemplasse as especificidades da área, o campo da sensibilização, da música e da saúde.

Enquanto proposta de formação a graduação em musicoterapia da UFRJ tem algumas peculiaridades que merecem ser mencionadas. É um curso Multiunidade e Multicêntrico pois envolve quatro unidades na área da saúde (CCS) e uma área de artes (CLA). O consórcio é composto pelo “Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (UFRJ) – IPUB”; a “Maternidade Escola – ME”; o “Departamento de Arte Corporal (graduações em dança) da Escola de Educação Física e Desportos – DAC/EEFD” e a “Escola de Música – EM”.

O Instituto de Psiquiatria é a unidade que se responsabiliza pela organização do curso e em conjunto com a Maternidade Escola oferta as disciplinas específicas da Musicoterapia. O departamento de Terapia Ocupacional oferta as disciplinas básicas na saúde geral, os fundamentos da reabilitação e as estratégias de acessibilidade cultural. O departamento de Arte Corporal oferta as disciplinas para a formação de consciência e expressão corporal, dança e formação músico-corporal e a Escola de Música oferta a formação técnico musical e vocal/instrumental.

A abertura da graduação em Musicoterapia foi um dos elementos que contribuiu para a construção de estratégias e dispositivos para a ampliação da presença das práticas integrativas na UFRJ, como a constituição da REDE PICS no Centro de Ciências da Saúde. Outro elemento foi a criação das disciplinas eletivas de Práticas Integrativas Complementares em Saúde em Macaé (2019) por professores dos Cursos de Enfermagem e Farmácia, e na sede (2020) via parceria entre a Escola de Enfermagem Ana Nery, o Departamento de Farmácia e o Departamento de Atenção Primária à Saúde da Faculdade de Medicina. Desde o Período Letivo Excepcional – PLE 2020, o Curso de Graduação

em Musicoterapia contribui com a disciplina de Práticas Integrativas Complementares em Saúde ofertada pelo Departamento de Atenção Primária à Saúde da Faculdade de Medicina, ofertado de forma remota, com um excelente retorno por parte dos estudantes.

2.5 A musicoterapia enquanto pioneira no fortalecimento e ampliação do espectro das PICS no âmbito da UFRJ

A demanda por formação profissional nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) tem sido um dos maiores desafios para a ampliação da inserção destas no Sistema Único de Saúde (SUS). Pesquisa sobre a oferta de ensino das PICS na Universidade aponta que a mesma ainda é insuficiente, mantendo um perfil predominantemente opcional e informativo, e que é necessário haver uma inserção integrada em cursos de saúde visando a interação e complementaridade entre saberes distintos (NASCIMENTO et al., 2018)

Concomitante a criação da graduação em Musicoterapia, a primeira das práticas integrativas complementares a se constituir como formação em graduação na UFRJ, junta-se outra experiência pioneira: a criação da primeira disciplina de PICS, proposta pelas docentes Leila Brito Bergold e Juliana Pontes, do Curso de Enfermagem do Campus UFRJ-Macaé e com formação em Musicoterapia e Terapia Floral, e pelo professor Edison Santana do Curso de Farmácia, com formação em Plantas Medicinais e Fitoterapia.

Denominada “Introdução às Práticas Integrativas e Complementares em Saúde” e carga horária de 30 horas, é oferecida para os estudantes de todos os cursos da área de Saúde do Campus Macaé: Enfermagem, Farmácia, Medicina e Nutrição. São disponibilizadas 10 vagas para cada curso, havendo um total de 40 estudantes na disciplina, que tem por finalidade introduzir e ampliar o conhecimento dos estudantes acerca da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde e da inserção dessas práticas no SUS. O objetivo é informar sobre a aplicabilidade das PICS, sensibilizá-los sobre as possibilidades terapêuticas destas através de vivências durante as aulas. Para isso, foram convidados professores da UFRJ com formação nas diversas práticas ou profissionais da Rede Municipal de saúde de Macaé que as utilizam no SUS.

No segundo semestre de 2019, a disciplina foi iniciada no formato presencial, passando para a modalidade remota a partir da pandemia. No desenvolvimento dessa disciplina, destaca-se a aula ministrada “Introdução à Musicoterapia”, apresentada pela professora Leila Bergold, que teve a participação no segundo semestre de 2020 do prof. Gunnar Taets, enfermeiro com formação em Musicoterapia.

Tanto no formato presencial como no remoto, houve a preocupação não só de informar o que é Musicoterapia, mas também possibilitar vivências que promovessem a sensibilização e compreensão sobre suas possibilidades terapêuticas. Alguns aspectos considerados importantes sobre a Musicoterapia foram mantidos em todas as aulas: definição, histórico, elementos da música e sua importância para o processo terapêutico, aplicabilidade e público ao qual se dirige, importância da formação profissional e discussão sobre pesquisas científicas que fundamentam a prática do musicoterapeuta.

Um tema que teve bastante destaque é a questão ética da Musicoterapia ser exercida por profissional que tenha a formação adequada, buscando alterar a ideia, devido ao desconhecimento sobre a profissão, de que qualquer pessoa ou profissional que utilize a música como um recurso terapêutico em sua vida ou na sua prática profissional está 'fazendo musicoterapia'.

Essa é uma questão relevante, visto que a orientação de pacientes sobre o uso das PICS, com informação adequada e menos preconceito exige profissionais sensibilizados sobre o cuidado ampliado que tenham condições de integrar o conhecimento sobre os diferentes saberes e práticas em saúde, interagindo e colaborando com outros profissionais que adotem essas práticas de cuidado (BARROS; FIUZA, 2014).

Algumas das PICS apresentadas tiveram possibilidade de desenvolver vivências com os estudantes: Musicoterapia, Meditação, Yoga, Terapia Comunitária Integrativa, Dança Circular e Shantala. Ao final do semestre, os estudantes avaliaram que a disciplina promoveu: interesse pelas PICS voltado para utilização profissional e/ou pessoal; percepção da importância da interprofissionalidade na formação em PICS; maior compreensão sobre as práticas e sua relação com a Integralidade no SUS; redução do preconceito sobre as PICS e ampliação do conhecimento sobre a comprovação científica destas; integração com estudantes de outros cursos; e sensação de prazer e bem estar pelo relaxamento promovido pelas experiências na sala de aula.

A avaliação ao final da aula foi muito positiva, sendo apontado o inicial desconhecimento sobre musicoterapia, a importância da integração entre os conteúdos ministrados e as dinâmicas desenvolvidas, o que promoveu maior compreensão sobre a musicoterapia, ao envolver aspectos cognitivos, sensoriais e emocionais. Os estudantes, sensibilizados pelas experiências da escuta e reflexão sobre as possibilidades terapêuticas dos elementos da música, mostraram-se muito entusiasmados com as vivências, o que demonstra a importância da Musicoterapia ser conduzida por um profissional qualificado.

Destaca-se também a importância da disciplina para a formação dos estudantes de diferentes cursos da Área da Saúde, visto que o processo de aprendizagem apresentou êxito em promover conhecimento sobre PICS de forma ampla ao realizar vivências que incluem aspectos de sensibilização e subjetividade que envolveram estudantes fazendo-os compreender a importância da abordagem holística no cuidado, e também da interdisciplinaridade e interprofissionalidade para ampliar a integralidade de assistência no SUS.

2.6 O que mudou com a pandemia?

Com a suspensão das atividades presenciais, a Universidade teve que buscar caminhos para que os processos de ensino, pesquisa e extensão não paralisassem totalmente. Diversas estratégias foram criadas e algumas adaptadas. Destacamos algumas que foram importantes para que pudéssemos pensar o valor que as Práticas Integrativas

Complementares têm nas dificuldades que o mundo contemporâneo tem enfrentado: 1. A oferta on-line da Disciplina de PICS – Macaé; 2. A assistência virtual da Musicoterapia no IPUB; 3. A continuidade da Graduação em Musicoterapia na forma on-line e 4. A criação do projeto SisCEATE – Sistema para Central de Apoio à Saúde dos Trabalhadores e Estudantes da UFRJ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a pergunta que não quer calar: Como fazer mais e melhor?

Muito se discute sobre como ampliar a presença das PICS em espaços de formação. Atualmente a UFRJ conta com uma Rede de Práticas Integrativas, projetos de extensão e disciplinas eletivas em PICS, criadas no caso da Musicoterapia na UFRJ. O caminho inicial foi a assistência, seguida da pesquisa e da extensão. A abertura da graduação a partir de 2019 propicia, inegavelmente, um outro patamar de investigação, formação e assistência nesta área, reafirmando o papel democrático e inovador que as universidades públicas devem ter ao fortalecer áreas que necessitam expandir-se em nível nacional. Experiências como a descrita acima demonstram que a criação de graduações e/ou especializações, de disciplinas e/ou projetos de extensão voltadas às PICS contribuem para a constituição de massa crítica, possibilitando o redimensionamento destas práticas e saberes na Universidade e, conseqüentemente, a potencialização das mesmas na rede do SUS e em outras políticas de promoção de saúde.

EXERCÍCIOS PARA FIXAÇÃO DA APRENDIZAGEM

- 1) O musicoterapeuta utiliza a música com qual finalidade?
- 2) A Musicoterapia se iniciou na UFRJ em qual local, e com que objetivo? Em que outros locais e que tipo de assistência é prestada pela Musicoterapia na UFRJ?
- 3) Como a Musicoterapia se relaciona com o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão na UFRJ e de que maneira isso contribui para a formação dos estudantes de Musicoterapia e de outros cursos de graduação?
- 4) De que forma a Musicoterapia contribui para o ensino de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?
- 5) Qual a importância da criação do Curso de Graduação em Musicoterapia na UFRJ?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARES, T.; AMARANTE, P. **Educação musical na diversidade**: um caminho para a ressignificação do sujeito em sofrimento psíquico. In: ALVARES, T.; AMARANTE, P. (org.). **Educação musical na diversidade**: construindo um olhar de reconhecimento humano e equidade social em educação. Curitiba: CRV, 2016.

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. ARRUDA, Elso. **Terapêutica ocupacional psiquiátrica**. Rio de Janeiro: s/e, 1962.

BARCELLOS, L. R. M. **Sobre a docência em Musicoterapia**. INCANTARE, v. 10, p. 16-39, 2019.

BARROS, N.F.; FIUZA, A.R. Medicina baseada em evidência e medicina baseada em preconceito: o caso da homeopatia. **Cadernos de saúde Pública**, v. 30, n. 11, 2014.

BERCHERIE, P. **Os fundamentos da clínica**: História e estrutura do saber psiquiátrico. RJ: Jorge Zahar, 1989.

BRASIL. Lei nº 10.216. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial da União. 2001.

COSTA, C. M. O Despertar Para o Outro: Musicoterapia. São Paulo/SP: Editora: Sumus. (Musicoterapia). 1989.

_____. **Musicoterapia no Rio de Janeiro - 1955 a 2005**. (2006) Disponível em <https://drive.google.com/file/d/18t4HC2wZ9oQf_ICnYrn4CAIpMwwuby4b/view> acessado em 27/11/2018.

_____. Musicoterapia no Rio de Janeiro- Novos Rumos. Rio de Janeiro, 2008 - Disponível em www.amtrj.com.br

MACHADO, K. S.; SIMAS, R. S. **Redução de Danos, Insumos e Experiência Estética**: Uma Análise da Prática no Consultório na Rua do Município do Rio de Janeiro. Revisbrato, v. 1, p. 67, 2017.

MAIA, R.C.; FERNANDES, A.B.; ADÉLIA B. O movimento antimanicomial como agente discursivo na esfera pública política. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 48, p. 157 – 171, fevereiro 2002.

MOURA COSTA, M. C., SAMPAIO VIANNA, M. N., AZEVEDO E SILVA, L. F. e CRAVO DE ALMEIDA, H. **“O valor da musicoterapia nas esquizofrenias e do serviço social psiquiátrico no tratamento das patologias comunicacionais familiares”**. Relatório enviado à FINEP - abril de 1987. - Inédito.

NARDI, A. E., SILVA, J. A. R. DA, MENDLOWICZ, M. V., & APPOLINÁRIO, J. C. Professor Eustachio Portella Nunes Filho (1929-2020): a great mentor of culture and humanistic philosophy and an enduring source of inspiration for generations of psychiatrists and psychoanalysts. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 4, p. 207-208, Dec. 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852020000400207&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Mar. 2021. EpubDec 04, 2020. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000293>.

NICK, E., & ALEIXO, M. **Musicoterapia em Hospital Dia**: Reflexões sobre uma proposta em Saúde Mental. [Curso de Formação de Musicoterapia]. 1991.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: o caso do estágio de docência na pós-graduação. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa v. 8, n. 2, p. 77-92 Jul./Dez. 2005. Acesso em: 04 julho de 2019 Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1441>>

NASCIMENTO, M. et al. Formação em Práticas Integrativas e complementares em saúde: desafios para as universidades públicas. **Trab. Educ. saúde**, vol. 16, n.2, 2018.

REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA. Definição de Musicoterapia segundo a Federação Mundial de Musicoterapia. Ano 1. Vol. 2. Página 04. 1996. Disponível em: <https://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/12/2-Defini%C3%A7%C3%A3o-de-Musicoterapia.pdf>. Acessado em 07/09/2021.

VIDAL, V. M. **Livro com CD: Songbook e Cd: Cancioneiros do IPUB.** IPUB/UFRJ, 1998.